

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	8
AVISOS	13
PREFÁCIO Aquela coceirinha sem fim - Amara Moira	18
INTRODUÇÃO Johnny Martins	22
Uma buceta, três caralhos de asa e muito cu	29
CAPÍTULO 1 Léo em Vida de Léo	30
CAPÍTULO 2 O excesso de tesão	38
CAPÍTULO 3 A puta de Schrödinger	44
CAPÍTULO 4 Gozadas e orgasmos	66
CAPÍTULO 5 Homem trans garoto de programa	74
CAPÍTULO 6 Sobre o trabalho da prostituição	88
CAPÍTULO 7 Leonardo T., drogado e prostituído	100
CAPÍTULO 8 Fetiches e fetichização	108
CAPÍTULO 9 Experiências no Pornô	118
CAPÍTULO 10 O que não é aceitável na sexualidade	124
CAPÍTULO 11 Léo além do sexo	128
Auto-retrato	150

APRESENTAÇÃO

O falar sobre sexo publicamente, em especial sendo homem trans, é um ato de coragem. A sociedade é cisnormativa, e à nossa forma trans de ser é negada a existência. Mas nós temos realizado revoluções. Neste momento o conservadorismo tem alcançado avanços no campo político. Assim, quebrar velhos conceitos, ressignificar os processos da vida, os da sexualidade e sobre sexo, se tornam necessários. A gente precisa provocar, é importante radicalizar.

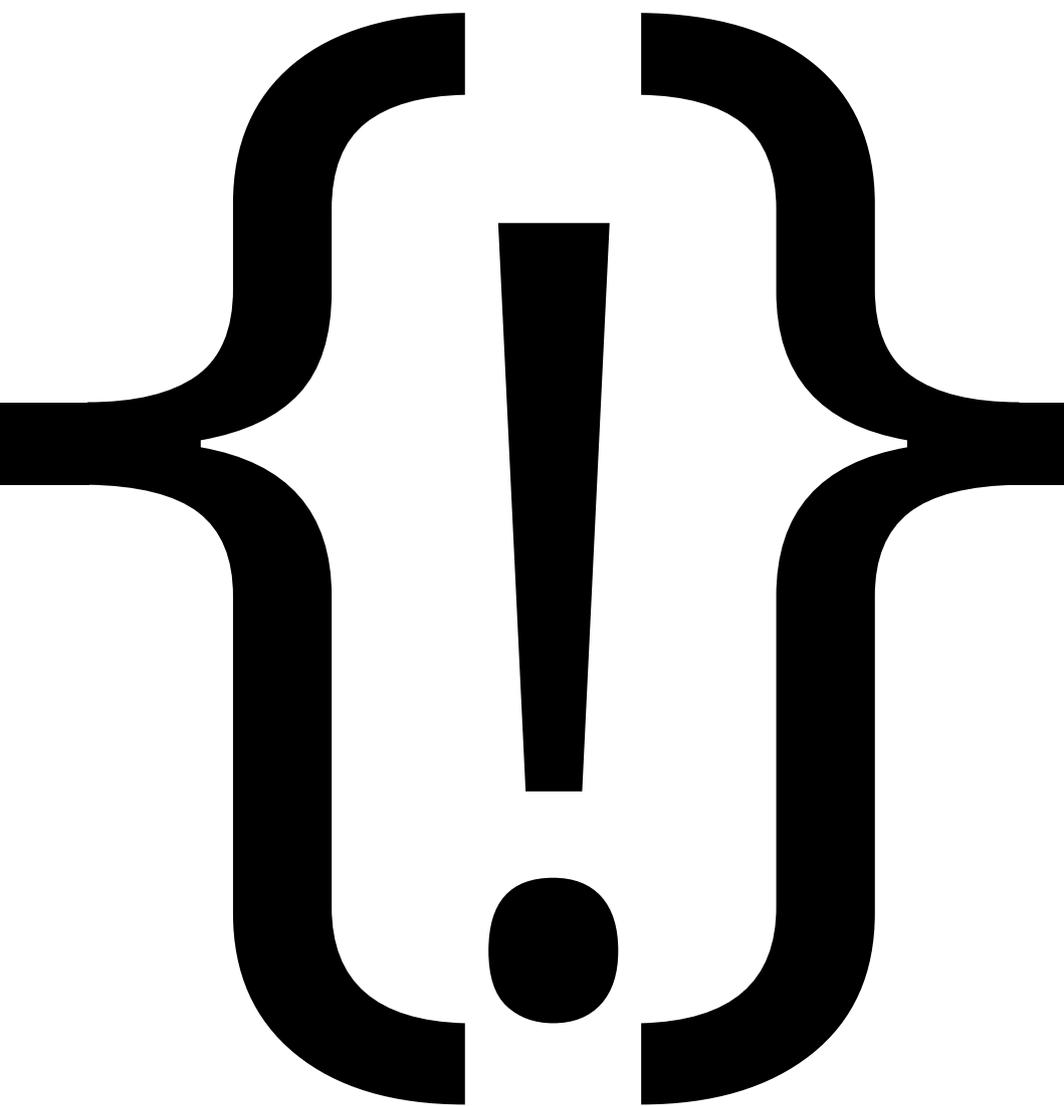
Este livro é sobre sexo e sobre minha vida sexual. Uma escrevivência e uma imersão sobre sexo e sexualidade. É um texto literário, não acadêmico. E a proposta não é seduzir o leitor sexualmente através de uma narrativa lasciva, levando você para a cama comigo, como sugere o título. Não são contos eróticos. Já que eu não sou poeta, este livro é um papo mais de pau pra cu mesmo, sobre sexo e sexualidade, que são partes importantes da vida de todo mundo.

Aqui falo a maior parte do tempo como um monólogo solitário esperançoso de ser ouvido. Faço relatos autobiográficos, e ao mesmo tempo, um convite para que vocês entrem no meu mundo. Preciso desabafar estas minhas experiências de vida. Também faço a tentativa de ser pedagógico para quem não tem muito conhecimento sobre sexualidade e sexo.

Estar bem com nossa vida sexual, nosso corpo, deixar a libido fluir, sentir as sensações erógenas do nosso corpo e gozar nos traz felicidade. O prazer sexual e a troca de prazer

são da nossa natureza e cultura, e parte da nossa saúde. É importante vivenciá-los livremente em nossas vidas. Nós precisamos libertar nosso corpo e nosso desejo sexual.

Na vida a gente tem mais é que se divertir. Dar o que temos para dar. Sentir bem muito prazer com nosso tesão e gozar bastante. Recomendo também a procura específica de metidas gostosas, você vai ver que vale muito a pena. E é muito importante procurar e ter parceiros/as sexuais que se importem com o seu prazer sexual, e vice versa.



AVISO PARA RADFEM E TERF

Vão cuidar das suas vidas. Este livro não foi escrito para vocês e também não para crianças.

Este livro é para quem tem mais de 18 anos.

Cuidem das amarras dos seus corpos. Já os corpos dos outros, deixem em paz porque vocês não são donas deles.

AVISO PARA MACHOS

Vão cuidar das suas vidas. Este livro não foi escrito para vocês e também não para crianças.

Este livro é para quem tem mais de 18 anos. Se for ler, que seja para criar empatia e alteridade.

Respeitem os seres humanos, mulheres, homem trans, transmasculinos, mulheres trans, travestis, não binaries, intersexuados e crianças.

AVISO SOBRE IDADE

Evitem deixar chegar este livro a jovens muito jovens, mesmo que eles já tenham completado 18 anos, pois eles podem se sentirem estimulados

a entrarem no mundo da prostituição por acabarem vendo a prostituição de forma romanceada; enquanto nós profissionais do sexo não temos muitas garantias por ser informal, passamos o risco de sofrer violência, calotes ou contrair doenças venéreas. Juízo mesmo a gente só tem lá para os 21, 22, 23.



Dedicatória

Dedico essa publicação a todas as passivas, pois somos guerreiras.



Agradecimentos

Agradeço, por serem minhas fontes de inspiração, a Monique Prada (do livro *Putafeminista*) e a Amara Moira (do livro *E se eu fosse puta?*) por seus ativismos literários (e não-literários) e influência para que eu escrevesse meu livro também. E a editora O Sexo da Palavra, que permitiu que meu sonho se tornasse realidade.

PREFÁCIO

Aquela coceirinha sem fim

Amara Moira

Doutora em Literatura e autora de
E se eu fosse puta? e Neca + 20 poemets travessos

Sexo. Negocinho incômodo que nasce com a gente, desperta sabe-se lá como e que, daí por diante, não há manual de instruções que nos ajude a entender seu funcionamento ou PROCON para reclamarmos dos seus defeitos de fábrica. Todo mundo se digladia com o sexo, às vezes dando mais na cara, às vezes escondendo bem as próprias frustrações, mas apesar disso quase ninguém se sente confortável para falar sobre ele de forma franca, verdadeira, livre de pudores.

Para quem, ainda hoje, se escandaliza com narrativas de cunho abertamente sexual, creio que a leitura desse livro será uma tarefa árdua, sofrida, pois Léo Tenório se dispôs a mergulhar de cabeça nessa aventura arriscada que é falar sobre nosso tesão, sobre as coisas que fazem de fato molhar nossa roupa íntima, sejam elas cuecas, calcinhas ou nenhuma das duas.

Eu mesma, que já vivi um sem-número de experiências nesse campo (até livro com minhas memórias da prostituição de rua eu escrevi, “E se eu fosse puta”, 2016), fiquei chocada em não poucas passagens, imagina então quem vier parar aqui sem saber exatamente onde está entrando. Me senti careta depois da leitura dessa obra, me senti com vontade de escarafunchar ainda mais fundo, com cada vez mais ousadia, os mistérios da imaginação (outro nome para “sexualidade”) humana nas minhas próximas obras.

Existem, sim, algumas obras, poucas, que enveredam sem receios por essa temática, mas o diferencial de Léo é que ele, além de ser um

homem trans, é também um trabalhador sexual e aqui ele vai nos convidar a um passeio por esse universo a partir dessa ótica, sua ótica. Asseguro, de antemão, que o que vocês lerão nas próximas páginas é algo que simplesmente inexistente na literatura brasileira. Eu sou uma pesquisadora das obras de autoria/temática trans e nunca encontrei nada nem de longe parecido.

Finalizo me dizendo honrada por ter, de alguma maneira, contribuído para o surgimento desse livro. Espero que ele nos ajude a perder o medo dessa geringonça que vem acoplada em nós e que transforma os nossos corpos numa máquina de inclassificáveis sensações: o desejo.

INTRODUÇÃO

Johnny Martins
Crítico literário e professor universitário
25 de setembro de 2022

“Quem dentre vocês que me leem se permitiria viver essa gama de transas, beijos, se permitiria sentir, tentar sentir, fingir ao menos, tesão por esses corpos todos que abundam nos meus braços, corpos (assim como o meu, mas de forma toda outra) rejeitados pela norma, dissidentes, resistentes, preteridos, corpos brutos, gordos, negros, peludos, com deficiência, fora do padrão de beleza, de macheza, autoestima lá embaixo, tímidos, oprimidos, travados, corpos que se sentem à vontade conosco, que se entregam apenas em nossas camas, que precisam de nós pra não pirar nessa vida de exclusões?” (Amara Moira)

A pergunta que Amara Moira faz na citação acima, em sua autobiografia *E Se Eu Fosse Pu(R/T) a?*, é um questionamento que poderia estar na boca de qualquer profissional do sexo. E não apenas agora: a mesma ideia é apresentada no romance *Querelle De Brest*, de Jean Genet, publicado em 1947. Léo Tenório, porém, não faz a pergunta, mas, de certo modo, apresenta a resposta nesta sua quase autobiografia. Explicarei o “quase”.

Quando se escreve uma autobiografia, o que acontece entre o autor e o leitor se chama “pacto autobiográfico”, ou seja: um acordo silencioso, implícito e subentendido de mútua confiança: o autor espera que o leitor considere o relato das lembranças como verdadeiro e como fonte de certo conhecimento; enquanto o leitor, por sua vez, entra nesse jogo de troca como alguém que acredita na sinceridade e na verdade do texto. Porém, toda

“escrevivência” surge através de focos de luz que autor impõe ao que escreve, não para criar sombras, mas para iluminar melhor determinados pontos dessa “escrevivência” e assim capturar a atenção do leitor para o que é mais importante. Fazemos isso o tempo todo, pois, se há linguagem, há luz e sombras no que dizemos.

Neste texto de Léo Tenório, a luz incide sobre suas experiências através de uma fala crua, sem rodeios e, como anunciado já nas primeiras linhas, não tem intenção de excitar o leitor, mas apenas de contar. Esse aviso de Léo me remeteu aos livros pornográficos do século 18, que tinham mais filosofia do que sexo e, lidos hoje, não causam nenhuma excitação, embora sejam considerados pornografia. As frases aqui são curtas, o que torna o texto um tanto apressado, oferecendo mais a rapidez de uma fotografia do que a demora de um filme. Mesmo assim, o que é dito configura uma trans-autobiografia, na medida em que o termo trans, na origem do latim, significa “além”. Léo deixa clara essa ideia mostrando o quanto além está a vida trans. Esta “escrevivência” não é apenas sobre Léo, mas vai além com considerações quase didáticas sobre legislação, saúde e autocuidados. Léo também não deixa escapar a lucidez ao reconhecer seu lugar de diferença em relação a outros corpos socialmente subalternizados, tais como o corpo negro, por exemplo. Essa atitude mantém o texto sempre com ênfase na diversidade, ideia que aparece em quase todas as páginas através de termos ou noções derivadas.

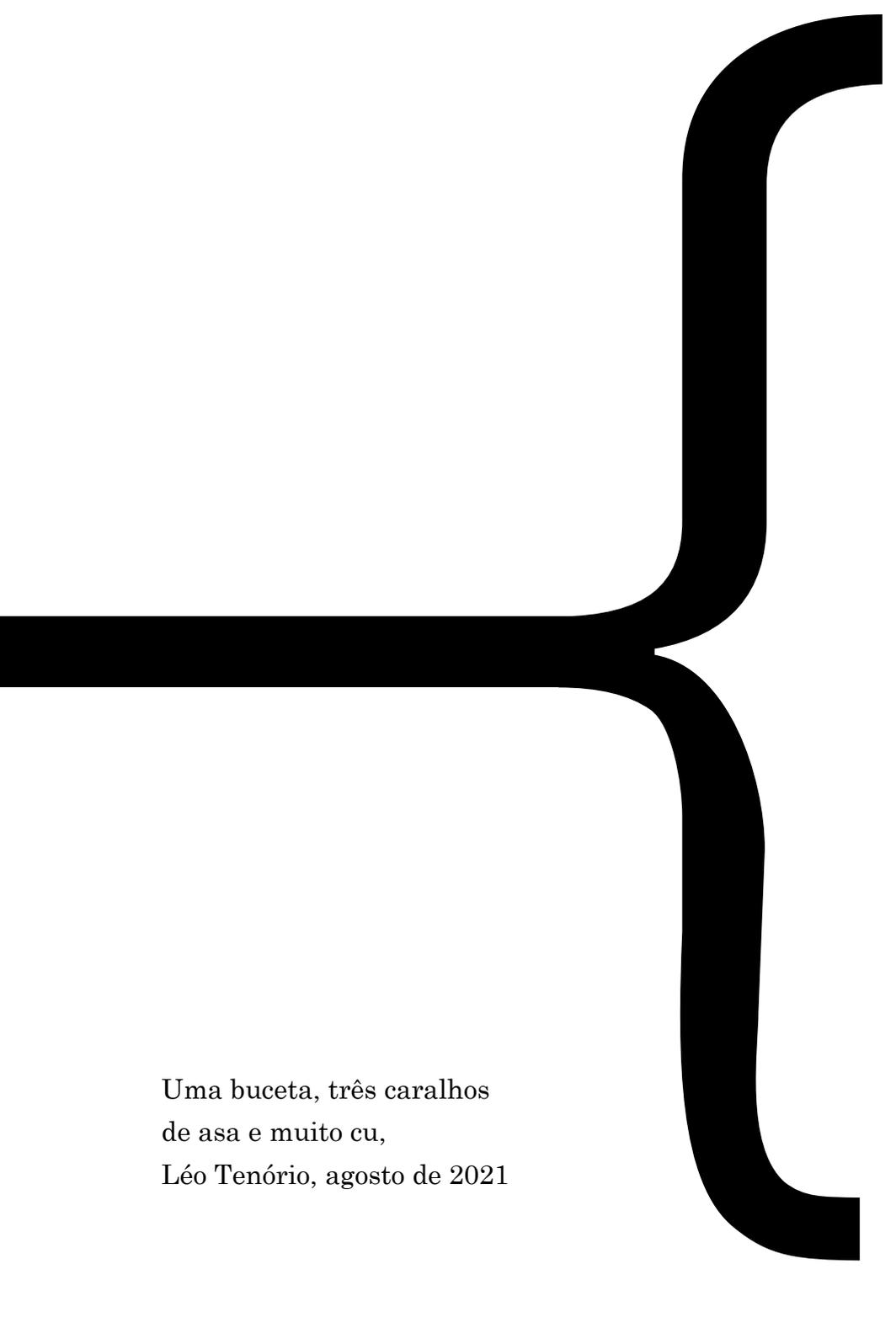
É interessante ver que exista no latim a expressão “trans hominem” significando “depois da morte” e pensar nisso ao me lembrar do que eu já vi e li em vários depoimentos de pessoas trans se referindo à transição como um renascimento. No caso específico dos homens trans, após a transição, muitos constataam o que já desconfiavam: o privilégio masculino de ver as pessoas, homens e mulheres, respeitando mais as opiniões. Não precisa fazer um esforço extravagante da imaginação para admitir que, numa sociedade machista, a transição de gênero acaba fornecendo muitas informações de como é, o que implica ser homem e as nuances do fetiche da masculinidade que o mundo patriarcal cultiva.

Léo apresenta um questionamento que me parece singularmente importante quanto à noção de fetiche: se o fetiche é um objeto de prazer que está fora do campo genital, o que seria então o tesão por seios grandes e afins? Léo escreve: “No fetiche, a fantasia só é um pouco maior, ele é um tesão mais rebuscado, mais criativo”. Nesse ponto, recordei um momento em que Léo respondeu a certa curiosidade minha me lembrando de que o sexo — o desejo, o tesão — está na cabeça. Esta escrevivência, para mim, tem o estilo de Léo, que sempre satisfazia minhas curiosidades de outsider com paciência e compreensão. O tom é de conversa entre amigos, parecendo mais um registro falado do que escrito.

Léo reconhece (e não está errado) que estes escritos são um “ato de coragem”. E é necessário fazer uma reverência a esta coragem. Léo

reconhece também que radicalizar é necessário. Mas, radicalizar o quê? E por quê? A resposta mais urgente é: radicalizar a coragem, pois entrar em estatísticas de exclusão e suas consequências exige uma coragem radical. Exige também um percurso de aprendizado obrigatoriamente autodidata sobre cuidar de si, amar, enfrentar tabus e não “perder a ternura”. E, além de tudo, aprender bem o significado do método “tentativa e erro” para contornar barreiras, pois a violência das ruas frequentemente não é menor do que a violência em casa.

Entrar na prostituição sendo pessoa transgênera — e, a princípio, sem necessariamente fazer parte de um contexto financeiramente vulnerável — não é mero capricho. Trata-se de encontrar muitos dos iguais, empurrados para a margem por uma sociedade intolerante e cruel com a diferença. Trata-se de aprender, ouvir, contar e viver coisas que só são experiências desse mundo particular e silenciado pelos “bons costumes”. Trata-se, sobretudo, de trocar — mesmo numa momentânea encenação — carinho, confidências, histórias. Portanto, considero o título *Transando Com Léo* um convite muito adequado: o leitor decide se ao abrir este livro vai entrar na leitura como “cliente” (e, portanto, como parte de uma fantasia, de uma possível encenação), ou como, digamos, “namorado” (aquele que acredita num gradativo estreitamento dos laços).



Uma buceta, três caralhos
de asa e muito cu,
Léo Tenório, agosto de 2021

CAPÍTULO 1

Léo em Vida de Léo

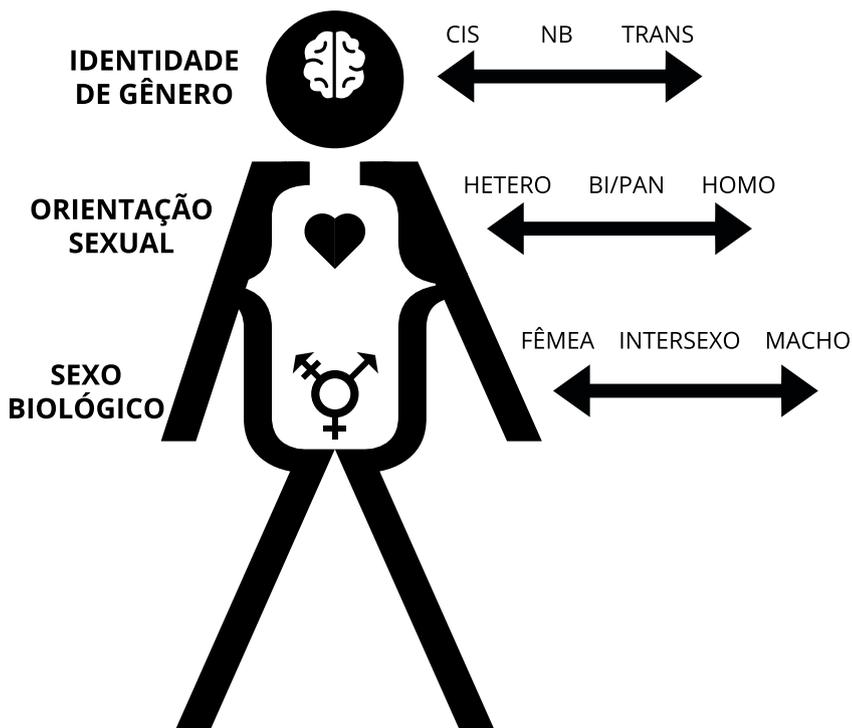
Parodiando uma travesti conhecida, não sou “Homem Trans em Estudos de Gênero”, mas “Léo em Vida de Léo”. O fato de eu ser trans não me coloca em nenhuma grande legitimidade pra falar sobre estudos de gênero, porque eu simplesmente não sou cientista social, nem de “humanas”, apesar de ter presenciado muitas discussões acadêmicas e lido muitos textos. Vou me permitir um pouco escrever sem referências bibliográficas. Estou falando aqui a partir do lugar de fala da minha “sabedoria popular”. O que se passa nas ruas e o que se vive dentro das quatro paredes.

Vivenciei minha transição de gênero e minha sexualidade fazendo muito sexo com uma boa diversidade de pessoas, e ao longo da vida até hoje fui fundamentando minha compreensão sobre as diversas expressões de gênero e sexualidade existentes. Ninguém é igual a ninguém na cama, as pessoas não se repetem. Isso é inclusive o que torna mais leve você fazer sexo com frequência e com pessoas diferentes, mesmo que toda transa comum em geral seja resumida a beijar na boca, fazer sexo oral e passar para penetração depois, até que os dois gozem (numa transa padrão ideal).

Tenho uma compreensão particular: cada pessoa tem uma configuração de orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero, práticas sexuais e outras categorias que tornam essas pessoas singulares. A diversidade sexual é realmente diversa.

Achei muito bom fazer sexo com uma grande quantidade das múltiplas formas ser. Por

muito tempo experimentei essas diversidades de gênero, todas as possibilidades que apareciam na minha vida eu transava. Trocando prazer, descobrindo os gatilhos de prazer nos corpos diferentes das pessoas. Para entender o outro, às vezes, o sexo funciona melhor do que ler sobre gênero e sexualidade num livro ou artigo que não dialogam com a linguagem popular.



Tenho um raciocínio muito cartesiano. Desde que me descobri homem trans e entendi que existe “orientação sexual” e “identidade de gênero”, vejo as categorias da diversidade sexual de uma forma lógica e quadrada, mas tudo tem um espectro. Eu fiz uma tabela para facilitar o

entendimento de quem está lendo, é uma tabela bem maior que um bonequinho. Mesmo assim ainda fica incompleto para falar sobre as diversas faces da sexualidade e gênero de alguém:

Sexo biológico (o corpo físico)		
Endossexo “Fêmea”	Intersexo	Endossexo “Macho”
Masculinidades/feminilidades		
Feminina	Não Binária/ Fluida	Masculina
Identidade de “gênero” (sexo biológico vs. masc./fem.)		
Cisgênero	Não binária	Transgênero
Orientação sexual		
Heterossexual	Bissexual/ Pansexual	Homossexual
O quanto você é sexualizado		
Assexual	Mediano	Mais sexualizado
Prática preferida no sexo		
Ativo	Versátil	Passivo
Com quantas pessoas se relaciona ao mesmo tempo		
Monogamia	Monogamia e Não-mono	Não-mono (Poligamia/ relação aberta / poliamor)
Qual abertura para ter transas você tem		
Demissexual	Mediano	Surubeiro

Explicando algumas denominações: cisgênero é um homem que nasceu com pênis e se considera homem; ou mulher que nasceu com vagina e se considera mulher. Existem muitos tipos de assexualidade, a tabela está bem incompleta em relação a isto. E demissexual não é o oposto de “surubeiro”, eu só coloquei para

falar sobre com que abertura a pessoa chega a ter sexo, nos estudos acadêmicos essa “divisão” que fiz não existe. Foi uma espécie de brincadeira.”

A minha teoria de gênero é que todo mundo tem um gênero singular e o gênero é o todo de todas estas características sobre o gênero e a sexualidade de uma pessoa que listei na tabela, tendo as células da tabela um espectro de variações. Ou seja, para mim as respostas desse conjunto de características da tabela é o “gênero” de cada indivíduo. Esse é meu conceito particular de gênero. Nos estudos de gênero e sexualidade nas ciências humanas o conceito é diferente, eles/as consideram gênero apenas o espectro de masculinidades e feminilidades e no máximo a identidade de gênero. Sexualidade para eles está ligada a orientação sexual.

Esta tabela é bem resumida, aquém da realidade. Entendo que as categorias podem ser fluidas, você pode migrar de uma célula (da tabela) pra outra ou ter duas ao mesmo tempo. As pessoas vão mudando essas características de gênero ao longo do tempo. Podem deixar de ser uma coisa, virar outra, e depois voltar a ser... O gênero no meu conceito pessoal pode ser fluido.

Há uma diversidade de identidades auto declaradas, variadas nomeações das identidades sexuais e de gênero. Uma verdadeira panacéia. Nem conheço tudo, não consigo lembrar de tudo. Tem um monte de categorias relacionadas a assexuais, não-mono e não-binárias.

Imagina quem é você nessa tabela? Ou quem é você hoje nessa tabela? Acredito que

na realidade a maior parte das pessoas é da diversidade, não do padrão cis-hétero-patriarcal-normativo. Seguindo a ordem em que fui listando na minha tabela, eu sou: Endossexo “Fêmea”, Masculino (fluindo entre momentos mais boy, e momentos mais bixa), Transgênero (transmasculino), Pansexual, Mais sexualizado (migrando pra mediano), Passivo, Não-mono (relação aberta e poliamor), Surubeiro (migrando pra mediano).

Sobre minha identidade de gênero na minha tabela eu sou um transmasculino. Não sou binário de verdade. Uso o rótulo “homem trans” ainda por tradição, há muitos anos me declaro homem trans, mas acho que o tal do nome “transmasculino” é muito mais interessante para mim hoje em dia. Meu fenótipo é bastante parecido com o de um homem cis, então também não fica fácil me reivindicar tão não-binário assim. Estou mais para uma “bixa-boy trans passiva”. Há várias denominações dentro das transmasculinidades: homem trans, FTM, boy trans, transmasculine, transmasculino, transhomem, boyceta, homem transgênero, homem transexual, entre outros.

Acho que fica difícil chamar de binário, padrãozinho ou normativo um homem com uma buceta. Sendo que muitos homens trans se reconhecem binários mesmo tendo o órgão sexual deles como algo importante no seu conjunto. O ideal é reconhecer na pessoa trans a identidade que ela se autodeclara.

Antigamente dizíamos que éramos homens trans às pessoas leigas, e elas olhavam para

a gente e pensavam que nós queríamos ser mulheres trans ou travestis. Viam a aparência transmasculina passável¹, achavam que a gente vivia como homem cis e que queria viver como travesti/ mulher trans. Aí perguntavam se a gente queria virar mulher. Daí lá vinha o mini-curso de identidade de gênero e orientação sexual para a gente explicar que mulher era aquilo o que nós justamente não queríamos ser. É cansativa essa coisa de se explicar e se explicar. Tanta discussão e ainda hoje temos que lidar com isso.

¹ Ser “passável” ou “ter passabilidade” significa “parecer com uma pessoa cisgênera”.